



**Textos para reflexão e ação:** Entre os dias 12 e 17 de outubro de 2020, a Marcha Mundial das Mulheres encerra sua 5ª Ação Internacional, com o lema "Resistimos para viver, marchamos para transformar". Preparamos uma série de textos e áudios que serão publicados ao longo desta semana, resgatando as lutas de nossa 5ª Ação Internacional, as nossas alternativas feministas e a nossa história. No dia 17, faremos uma grande atividade virtual internacional. A 5ª Ação Internacional se encerra, mas a luta feminista segue, forte e permanente: resistindo para viver, marchando para transformar!

## Texto #1: Resgate da 5ª Ação Internacional

A cada cinco anos, a Marcha Mundial das Mulheres organiza Ações Internacionais - um calendário de lutas que consegue, a partir do acúmulo das mulheres em seus territórios, denunciar a ofensiva capitalista e patriarcal que enfrentamos coletivamente no mundo inteiro. Em 2020, mulheres do Norte ao Sul global, em todos os continentes, marchamos sob o mote "Resistimos para viver, marchamos para Transformar!". A partir daí, denunciemos a interferência das empresas transnacionais na vida das mulheres, nos seus territórios, na natureza e nos bens comuns, mas também visibilizamos as diversas alternativas de transformação desta dura realidade que nos é imposta.

Em todas as Ações Internacionais, as atividades se iniciam no dia 8 de março, Dia Internacional de Luta das Mulheres, e se encerram dia 17 de outubro, Dia Internacional da Luta pela Erradicação da Pobreza. Este ano, colocamos a importância de construirmos uma unidade, onde as vozes do conjunto das marchantes brasileiras pudessem se encontrar num único coro. Este momento seria entre os dias 28 e 31 de maio, em Natal/RN, onde reuniríamos cerca de 2.000 mulheres para quatro dias de atividades.

O país encontrado pela Ação não era o que nós sonhávamos. Nosso horizonte de um mundo onde a vida valha mais do que o lucro estava muito longe da realidade das mulheres por aqui: o governo de Bolsonaro já havia, há muito, mostrado a que veio. Estávamos e estamos lutando contra um modelo genocida de previdência social, contra ataques diretos ao meio ambiente, à educação e à pesquisa, ao direito de se alimentar e a trabalhar com dignidade. Era esse o cenário vivido pelas brasileiras no início deste ano de 2020. Portanto, só havia uma orientação possível: enfrentar este governo e a tirania do neoliberalismo com teoria, com prática e com todas as ferramentas que nos fosse possível.



É de se imaginar a surpresa quando, uma semana depois dos grandes e impactantes atos do 8 de março, que abriram a Ação em todo o país, tivemos que lidar com medidas de isolamento social que conseguiram escancarar ainda mais a desigualdade em que vivemos e o caráter genocida de Bolsonaro. O presidente negou a gravidade de uma doença que já matou mais de 140 mil pessoas só neste país e não ofereceu condições reais para que a classe trabalhadora pudesse seguir o isolamento necessário para amenizar os danos da pandemia.

A crise do coronavírus agravou uma crise política, econômica e social já existente, materializou os desdobramentos da PEC do congelamento de gastos na saúde, na educação e na pesquisa, além de mostrar quem é que se prejudica quando o Estado abre mão de cuidar da vida em detrimento do capital. Se é bem verdade que o coronavírus não escolhe classe para adoecer, a falta de serviços de saúde escolhe a classe que padece.

Foi com esses desafios que construímos nossas atividades ao longo do ano. A denúncia às empresas transnacionais e ao governo Bolsonaro, somada à urgência da classe trabalhadora de se alimentar e cuidar da saúde, fez com que os movimentos sociais procurassem alternativas à caridade capitalista, expondo a raiz da crise e propondo alternativas emancipadoras para os trabalhadores e as trabalhadoras. Os movimentos sociais de esquerda no Brasil tomaram para si a responsabilidade de construir alternativas concretas às demandas de vida das pessoas e, assim, organizaram a campanha “Vamos Precisar de Todo Mundo”, protagonizada pelas Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, além de várias outras iniciativas locais.

Nós, da Marcha Mundial das Mulheres, que trazemos a solidariedade como um valor de nossas lutas e práticas, construímos diversas ações norteadas por isso. Nossa aposta tem sido a de amenizar a situação de insegurança alimentar e sanitária acentuadas pela crise e conectar a produção de diversas mulheres a partir da economia solidária, da agricultura familiar e da agroecologia às demandas de diversas outras mulheres das periferias do país, aproximando ainda mais o campo da cidade, especialmente das periferias urbanas.

Nesse sentido de constante reinvenção e resistência, construímos um 24 de abril diferentes de todos que já fizemos. Nesse dia de solidariedade feminista e de denúncia às ações das transnacionais, não nos calamos. Produzimos materiais de denúncia, apontamos a responsabilidade das transnacionais no agravamento das manifestações da crise pandêmica nas realidades locais, que são afetadas pela megamineração, pela falta de acesso à água, pela precarização da saúde e de tantas outras formas. Além disso, de 12h às 13h, estivemos lá, nas redes, junto com nossas parceiras, transformando esta denúncia na nossa primeira experiência nacional de debate ao vivo, levando nosso grito para mais de mil casas.



Já no dia 30 de maio (dia em que aconteceria a Ação em Natal), a MMM organizou campanhas de solidariedade que fortaleceram as famílias brasileiras. Além das doações de alimentos e produtos de higiene, fortaleceram a agricultura familiar e a economia solidária, principais produtoras dos itens doados. Estas ações aconteceram nas cinco regiões e não pararam, permanecem até hoje. Em julho, a solidariedade das marchantes brasileiras já havia alcançando mais de 10 mil famílias, contribuindo não só com segurança alimentar e sanitária, mas com autonomia econômica e com o fortalecimento de uma outra economia possível - a real alternativa ao cenário posto, que não se inicia nem se finaliza com a crise do coronavírus.

É com base nesta série de denúncias ao capitalismo e ao desgoverno de Bolsonaro, no enfrentamento às transnacionais e a resistência das mulheres no Brasil e no mundo, que vamos chegando ao fim de mais uma Ação Internacional visibilizando nossas resistências, valorizando a solidariedade, a agroecologia, a economia feminista e solidária e a nossa história de lutas, que não construímos sozinhas. A partir das resistências, das alternativas e dos saberes desenvolvidos por mulheres de Norte a Sul, que nos permitimos sonhar e nos movimentar para construir o outro mundo possível.

Fazemos economia solidária, mas queremos construir uma economia feminista, onde a vida e o bem viver estejam no centro da organização social e econômica; falamos de alimentos da agricultura familiar, pois acreditamos que soberania alimentar com alimentos saudáveis só é possível com agroecologia, superando a lógica do agronegócio que enxerga o meio ambiente como um mero recurso a ser explorado e devastado o quanto for possível; nos organizamos pela experiência das mulheres mais pobres, por entender que são justamente os mais ricos os responsáveis pela exploração das nossas vidas, do nosso trabalho, dos nossos territórios e da natureza. É por isso que lutamos pela taxaço das grandes fortunas, pelo Fora Bolsonaro, pelo fim da austeridade e do neoliberalismo que cada vez mais comprometido apenas com o lucro e incompatível com a vida.

A 5ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres se encerra em um cenário desafiador: em meio às eleições municipais, temos a tarefa de disputar projetos populares de enfrentamento ao Bolsonarismo, ao conservadorismo e ao neoliberalismo nas nossas cidades - e isso passa também pela disputa nos parlamentos e no poder executivo, local em que se criam leis e se implementam políticas públicas. Precisamos barrar o poder da extrema-direita na política! Como diz nossa música *Capire*, o nosso projeto passa por saber eleger quem respeita a quem aqui está. Além disso, seguem em marcha, diariamente, nossa luta contra o poder das grandes corporações e nossa construção de alternativas feministas para colocar a vida no centro da organização social! Resistimos para viver, marchamos para transformar!